

Prosas

Jorge Luis Borges



*Desenho de Ramón Columba,
que ilustra "Prosas", traduções
publicadas em Jornal de Letras.*

De *Artificios*:

O Sul

O homem que desembarcou em Buenos Aires em 1871 chamava-se Johannes Dahlmann e era pastor da igreja evangélica; em 1939, um de seus netos, Juan Dahlmann, era secretário de uma biblioteca municipal na calle Córdoba e se sentia fundamente argentino. Seu avô materno havia sido aquele Francisco Flores, do 2º de Infantaria de Linha, que morreu na fronteira de Buenos Aires, lanceado por índios de Catriel; na discórdia de suas duas linhagens, Juan Dahlmann (talvez por impulso do sangue germânico) escolheu a desse antepassado romântico, ou de morte romântica. Um estojo com o daguerreótipo de um homem inexpressivo e barbado, uma velha espada, o prazer e a coragem de certas músicas, o hábito das estrofes do *Martín Fierro*, os anos, o tédio e a solidão fomentaram esse crioulismo algo voluntário, porém jamais ostentoso. À custa de algumas privações, Dahlmann havia conseguido salvar a sede de uma estância no Sul, que fora dos Flores; um dos hábitos de sua memória era a imagem dos eucaliptos balsâmicos e da vasta casa rosada que foi algum dia carmesim. Os afazeres e talvez a indolência retinham-no na cidade. Verão após verão, contentava-se com a idéia abstrata da posse e com a certeza de que sua casa o estava esperando, num lugar preciso da planura. Nos últimos dias de fevereiro de 1939, algo lhe aconteceu.

Cego às culpas, o destino pode ser desapiedado com as mínimas distrações. Dahlmann havia conseguido essa tarde um exemplar desemparelhado das *Mil e Uma Noites*, de Weil; ávido para examinar esse achado, não esperou que descesse o elevador e subiu com pressa as escadas; algo na escuridão roçou-lhe a testa – um morcego, um pássaro? Na cara da mulher que lhe abriu a porta viu gravado o horror, e a mão que passou pela frente ficou vermelha de sangue. A aresta de um batente recém-pintado que alguém esqueceu de fechar havia-lhe causado essa ferida. Dahlmann conseguiu dormir, mas já de madrugada estava acordado e desde aquela hora o sabor de todas as coisas foi atroz. A febre desgastou-o e as ilustrações das *Mil e Uma Noites* serviram para decorar pesadelos. Amigos e parentes visitavam-no e, com exagerado sor-

riso, repetiam que o achavam muito bem. Dahlmann ouvia-os com uma espécie de débil estupor e surpreendia-o que não soubessem que estava no inferno. Oito dias passaram, como oito séculos. Uma tarde, o médico habitual apresentou-se com um médico novo e o levaram a um sanatório da calle Ecuador, porque era indispensável tirar-lhe uma radiografia. Dahlmann, no carro de praça que os levou, pensou que num quarto que não fosse o dele poderia, enfim, dormir. Sentiu-se feliz e conversador; assim que chegou, tiraram suas roupas, raspam-lhe a cabeça, e prenderam-no com metais a uma maca, iluminaram-no até a cegueira e a vertigem, auscultaram-no, e um homem mascarado cravou-lhe uma agulha no braço. Acordou com náuseas, vendado, numa cela que tinha algo de poço e, nos dias e noites que se seguiram à operação, pôde entender que apenas havia estado, até então, num subúrbio do inferno. O gelo não deixava em sua boca o menor rastro de frescor. Nesses dias, Dahlmann minuciosamente se odiou; odiou sua identidade, suas necessidades corporais, sua humilhação, a barba que lhe eriçava o rosto. Sofreu com estoicismo os curativos, que eram muito dolorosos, mas, quando o cirurgião lhe disse que havia estado a ponto de morrer de uma septicemia, Dahlmann pôs-se a chorar, condoído de seu destino. As misérias físicas e a incessante previsão das más noites não lhe haviam deixado pensar em algo tão abstrato como a morte. Em outro dia, o cirurgião disse que ele estava se recuperando e que, dentro em breve, poderia ir convalescer na estância. Inacreditavelmente, o dia prometido chegou.

À realidade apetece as simetrias e os leves anacronismos; Dahlmann havia chegado ao sanatório num carro de praça e agora um carro de praça levava-o à estação de Constitución. O primeiro frescor do outono, depois da opressão do estio, era como um símbolo natural de seu destino resgatado à morte e à febre. A cidade, às sete da manhã, não havia perdido esse ar de casa velha que lhe infunde a noite; as ruas eram como vastos saguões, as praças como que pátios. Dahlmann reconhecia-a com felicidade e com um princípio de vertigem; uns segundos antes que os registrassem seus olhos, lembrava as esquinas, os anúncios, as modestas diferenças de Buenos Aires. Na luz amarela do novo dia todas as coisas retornavam a ele.

Ninguém ignora que o Sul começa do outro lado de Rivadavia. Dahlmann costumava repetir que isso não é uma convenção e quem atravessa essa rua entra num mundo mais antigo e mais firme. Do carro procurava, entre a edificação nova, a janela de grades, a aldraba, o arco da porta, o saguão, o íntimo pátio.

No hall da estação percebeu que faltavam trinta minutos. Lembrou-se bruscamente de que num café da calle Brasil (a poucos metros da casa de Yrigoyen) havia um enorme gato que se deixava acariciar pelas pessoas, como uma divindade desdenhosa. Entrou. Aí estava o gato, adormecido. Pediu uma xícara de café, adoçou-a lentamente, provou-a (esse prazer havia-lhe sido vedado na clínica) e pensou, enquanto alisava a negra pelugem, que aquele contato era ilusório e que estavam como que separados por um cristal, porque o homem vive no tempo, na sucessão, e o mágico animal, na atualidade, na eternidade do instante.

Ao longo da penúltima plataforma o trem esperava. Dahlmann percorreu os vagões e deparou com um quase vazio. Acomodou na rede a valise; quando os vagões arrancaram, abriu-a e tirou, após alguma vacilação, o primeiro tomo das *Mil e Uma Noites*. Viajar com esse livro, tão vinculado à história de sua desdita, era uma afirmação de que essa desdita havia sido anulada e um desafio alegre e secreto às frustradas forças do mal.

Ao lado do trem a cidade se afastava em subúrbios; esta visão e depois a de jardins e quintas retardavam o princípio da leitura. A verdade é que Dahlmann leu pouco; a montanha de pedra-ímã e o gênio que jurou matar seu benfeitor eram, quem o nega, maravilhosos, mas não muito mais que a manhã e o fato de ser. A felicidade distraía-o de Xerazade e de seus milagres supérfluos; Dahlmann fechava o livro e se deixava simplesmente viver.

O almoço (com a sopa servida em tigelas de metal reluzente, como nos já remotos veraneios da meninice) foi outro gozo tranqüilo e agradecido.

Amanhã acordarei na estância, pensava, e era como se ao mesmo tempo fosse dois homens: o que avançava pelo dia outonal e pela geografia da pátria, e o outro, encarcerado num sanatório e sujeito a metódicas servidões. Viu casas de tijolos sem reboco, esconsas e vastas, infinitamente olhando passar os trens; viu cavaleiros nos terrosos caminhos, viu riachos e lagoas e gado; viu

amplas nuvens luminosas que pareciam de mármore, e todas essas coisas eram casuais, como sonhos da planície. Também acreditou reconhecer árvores e sementeiras que não teria podido nomear, porque seu direto conhecimento da campanha era muito inferior a seu conhecimento nostálgico e literário.

Em dado momento, dormiu e em seus sonhos estava o ímpeto do trem. Já o branco sol intolerável das doze do dia era o sol amarelo que precede o anoitecer e não tardaria a ser vermelho. Também o vagão era diferente; não era mais o que havia sido em Constitución, ao deixar a plataforma: a planície e as horas haviam-no atravessado e transfigurado. Lá fora, a móvel sombra do vagão alongava-se até o horizonte. Não turvavam a terra elementar nem povoações, nem outros sinais humanos. Tudo era amplo, mas ao mesmo tempo era íntimo e, de alguma maneira, secreto. No campo desmedido às vezes não havia outra coisa que um touro. A solidão era perfeita e talvez hostil, e Dahlmann pôde suspeitar que viajava para o passado e não só para o Sul. Dessa conjectura fantástica distraiu-o o inspetor do trem, que ao examinar sua passagem advertiu-lhe que o trem não o deixaria na estação de sempre, mas em outra, um pouco anterior e mal conhecida por Dahlmann. (O homem ajuntou uma explicação que Dahlmann não tentou entender nem sequer ouvir, porque o mecanismo dos fatos não lhe importava.)

O trem laboriosamente se deteve, quase no meio do campo. Do outro lado dos trilhos ficava a estação, que era pouco mais que uma plataforma com uma cobertura. Nenhum veículo por ali, mas o chefe opinou que talvez conseguisse algum em certo comércio que lhe indicou a umas dez, doze quadras.

Dahlmann aceitou a caminhada como uma pequena aventura. Já havia desaparecido o sol, mas um esplendor final exaltava a viva e silenciosa planura, antes que a apagasse a noite. Menos para não se fatigar que para fazer durar essas coisas, Dahlmann caminhava devagar, aspirando com grave felicidade o cheiro do trevo.

O armazém algum dia havia sido carmim, mas os anos haviam mitigado para seu bem essa cor violenta. Algo em sua pobre arquitetura recordou-lhe uma gravura em metal, talvez de uma velha edição de *Paulo e Virgínia*. Atados à cerca estavam uns cava-

los. Dahlmann, dentro, pensou reconhecer o dono; depois compreendeu que o havia enganado a parecerça dele com um dos empregados do sanatório. O homem, ouvido o caso, disse-lhe que faria atrelar a carreta; para adicionar outro fato àquele dia e para preencher o tempo Dahlmann resolveu jantar no armazém.

Numa mesa comiam e bebiam ruidosamente uns rapazes aos quais Dahlmann, a princípio, não prestou atenção. No soalho, encostado ao balcão, acocorava-se, imóvel como uma coisa, um homem muito velho. Os alongados anos haviam-no reduzido e polido como as águas a uma pedra ou as gerações dos homens a uma sentença. Era escuro, pequeno e resseco, e estava como fora do tempo, numa eternidade. Dahlmann registou com satisfação o pano cingido à testa, o poncho de baeta, o vasto chiripá e a bota de potro, e disse para si mesmo – rememorando inúteis discussões com gente do Norte ou com entrerrianos –, que gaúchos desses já não existem senão no Sul.

Dahlmann acomodou-se junto à janela. A escuridão foi tomando conta do campo, mas os cheiros e os rumores dele ainda lhe chegavam por entre as grades. O dono trouxe-lhe sardinhas e depois carne assada; Dahlmann empurrou-as com uns copos de vinho tinto. Ocioso, degustava o áspero sabor e deixava errar a vista, já algo sonolenta, pelo lugar. A lâmpada de querosene pendia de um dos tirantes; os fregueses da outra mesa eram três: dois pareciam peões de alguma chácara; o outro, de traços achinados e grosseiros, bebia com o *chambergo*¹ na cabeça. Dahlmann, de repente, sentiu um leve roçar no rosto. Junto ao copo ordinário de vidro turvo, sobre uma das listras da toalha, havia uma bolinha de miolo de pão. Era só isso, mas alguém a havia atirado.

Os da outra mesa pareciam alheios a ele. Dahlmann, perplexo, decidiu que nada havia ocorrido e abriu o volume das *Mil e Uma Noites*, como para tapar a realidade. Outra bolinha bateu nele poucos minutos depois, e, desta vez, os peões riram. Dahlmann disse para si mesmo que não estava assustado, mas seria um disparate que ele, um convalescente, se deixasse arrastar por desconhecidos a uma peleja confusa. Resolveu sair; já estava de pé quando o dono aproximou-se dele e o exortou com voz alarmada:

— *Señor* Dahlmann, não faça caso desses moços, que estão meio alegres.

Dahlmann não estranhou que o outro agora o conhecesse, mas sentiu que essas palavras conciliadoras agravavam, de fato, a situação. Antes, o provocar dos peões se dirigia a um rosto accidental, quase a ninguém; agora era contra ele e contra seu nome, e o saberiam os vizinhos. Dahlmann afastou o dono, enfrentou os peões, e lhes perguntou o que estavam pretendendo.

O *compadrito*² da cara indiática pôs-se de pé, cambaleando. A um passo de Juan Dahlmann injuriou-o aos gritos, como se estivesse muito longe. Fingia exagerar sua bebedeira e esse exagerar era uma ferocidade e uma farsa. Entre palavrões e obscenidades atirou ao ar um vasto punhal, seguiu-o com os olhos, aparou-o, e convidou Dahlmann para lutar. O dono objetou com trêmula voz que Dahlmann estava desarmado. Nesse instante, algo imprevisto aconteceu.

De seu canto, o velho gaúcho extático, no qual Dahlmann viu um signo do Sul (do Sul que era seu), atirou-lhe uma adaga nua que veio cair a seus pés. Era como se o Sul houvesse resolvido que Dahlmann aceitasse o duelo. Dahlmann abaixou-se para apanhar a adaga e sentiu duas coisas. A primeira, que esse ato quase instintivo o comprometia a lutar. A segunda, que a arma, em sua mão canhestra, não serviria para defendê-lo e sim justificar que o matassem. Alguma vez havia brincado com um punhal, como o geral dos homens, mas sua esgrima não passava da noção de que os golpes devem ser dirigidos para cima e com o fio para dentro. *Não teriam permitido, no sanatório, que me acontecessem essas coisas*, pensou.

— Vamos saindo — disse o outro.

Sáiram, e se em Dahlmann não havia esperança, tampouco havia temor. Sentiu, atravessando o umbral, que morrer numa luta de faca, a céu aberto e acometendo, teria sido uma libertação para ele, uma felicidade e uma festa, na primeira noite do sanatório, quando lhe cravaram a agulha. Sentiu que se ele, então, tivesse podido escolher ou sonhar sua morte, esta teria sido a morte que teria escolhido ou sonhado.

Dahlmann empunha com firmeza o punhal, que acaso não saberá utilizar, e sai para o campo.

- 1 *Chambergo*: chapéu de copa campanuda e aba larga, indispensável ao *compadre*. [N. T.]
- 2 *Compadrito*: valente do subúrbio antigo de Buenos Aires que se transformou num símbolo de inconformismo romântico. [N. T.]

Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires em 1899. Aos quinze anos seguiu para a Europa com os pais, vivendo cinco anos na Suíça e depois mais quatro na Espanha, país este onde realizaria suas primeiras experiências literárias decisivas. Em 1921 retornou à Argentina (de onde voltou a sair apenas em 1962); aí lideraria o movimento ultraísta, que pretendeu a extrema revalorização da metáfora como meio expressional, e procurou a interpretação do fenômeno argentino como situação. Poeta e ensaísta de primeira plana, Borges vai se interessar de modo progressivo pela ficção a partir da década de 30, publicando aos poucos a série de contos depois reunida principalmente em *Ficciones* (1944) e *El Aleph* (1949). Desde então retornou, cada vez mais, à poesia, agora praticando as formas fixas que refutara em seu tempo de ultraísta; ao mesmo tempo compõe curtos ensaios poéticos de quase-ficção. Estas prosas e os últimos poemas reuniu num volume de 1961, *El Hacedor*. Bibliotecário de subúrbio boa parte de sua vida, foi nomeado em 1955, depois da queda do peronismo (que o perseguiu com mesquinharía, e tentou humilhá-lo), diretor da Biblioteca Nacional Argentina, posto que ainda ocupa hoje [1963].

O conto que aqui publicamos, “El Sur”, pertence à coletânea *Artificios*, de 1944. Em mais de uma ocasião, J.L. Borges declarou tratar-se de sua narrativa que talvez menos lhe desagrade: “conto de alguma forma biográfico, o menos imperfeito, junto com ‘Funes el memorioso’, entre aqueles que tive a falácia de realizar”. Aberto para a obra do autor, “O Sul” é realmente um dos exemplos mais representativos da maneira borgeana, e coloca o leitor diante do mundo entre real e fantasmagórico que é o seu, esse mundo que provoca as paixões mais contraditórias aos outros. Ora acusado por seus críticos como “um cético à caça da metáfora no labirinto” (Mejía Duarte), de outras feitas aceito como único e exemplar, o que é impossível é desconhecer a estatura intelectual desse que, embora “meramente argentino”, é um dos maiores escritores de seu tempo. [Alexandre Eulalio]

De *El Aleph*:

A casa de Astérion

*E a rainha deu à luz um filho que se chamou Astérion.
Apolodoro: Biblioteca, III, 1.*

Sei que me acusam de soberba, e talvez de misantropia, e talvez de loucura. Tais acusações (que castigarei no devido tempo) são irrisórias. É verdade que não saio de casa, mas é também verdade que suas portas (cujo número é infinito)¹ estão abertas dia e noite aos homens e igualmente aos animais. Que entre quem o desejar. Aqui não encontrará pompas mulheris, nem o bizarro aparato dos palácios; sim recolhimento e solidão. Encontrará, entretanto, uma casa como não há outra sobre a face da terra. (Mentem os que declaram existir uma semelhante no Egito.) Até meus detratores admitem não existir *um único móvel* na casa. Outra notícia ridícula é que eu, Astérion, sou um prisioneiro. Devo repetir que não há porta fechada, acrescentar que aqui não existe um só ferrolho? Mesmo porque, em certo entardecer, cheguei até a rua, e se antes da noite havia voltado, fi-lo pelo temor que os rostos da plebe me infundiram, rostos lívidos e rasos, como a mão espalmada. Já se havia posto o sol, mas o choro desvalido de um menino e as toscas súplicas da grei mostraram que me haviam reconhecido. O povo implorava, fugia, prosternava-se, alguns subiam ao estilóbato do templo dos Machados, outros juntavam pedras. Outro ainda – creio – escondeu-se no mar. Não era em vão uma rainha, minha mãe; ainda que minha modéstia o deseje, é impossível confundir-me com o vulgo.

Em verdade sou único. Não me interessa o que um homem possa transmitir a outros homens; como o filósofo, penso que coisa alguma é comunicável pela arte da escrita. As tediosas e triviais minúcias não encontram morada em meu espírito, capacitado para o grande; jamais pude reter a diferença entre uma letra e outra. Certa impaciência generosa não consentiu que eu aprendesse a ler. Às vezes deploro isso, pois os dias e as noites são longos.

Claro, distrações não me faltam. Semelhante ao carneiro que investe, corro pelas galerias de pedra até cair no chão, nauseado. Escondo-me à sombra de um algibe ou na curva de um corredor e faço de conta que me procuram. Existem terraços dos quais me

deixo cair até ensangüentar-me. A qualquer hora do dia posso brincar de dormir, com os olhos fechados e a respiração forte. (Às vezes durmo realmente, às vezes mudou-se a cor do dia quando volto a abrir os olhos.) Porém, de todos esses jogos, prefiro o do outro Astérion. Finjo que ele vem me visitar e eu lhe mostro a casa. Com muitas reverências, digo-lhe: “Agora estamos voltando à encruzilhada de antes” ou “Agora desembocamos em outro pátio” ou “Eu sabia que você ia gostar do rego d’água” ou “Agora vamos até a cisterna que se encheu de areia” ou “Você vai ver como o porão se bifurca”. Às vezes me engano, e os dois nos rimos gostosamente.

Não inventei apenas essas distrações; também tenho meditado sobre a casa. Todas as partes da casa existem muitas vezes; nela qualquer lugar é outro lugar. Não há um poço, um pátio, um bebedouro, um estábulo; são catorze [são infinitos] os estábulos, bebedouros, pátios, poços. A casa é do tamanho do mundo, ou melhor, é o mundo. Contudo, depois de esgotar pátios com a mesma imutável cisterna e as empoeiradas galerias de pedra cinzenta, alcancei a rua e vi o templo dos Machados e o mar. A princípio não entendi, até que uma visão noturna revelou-me que também são catorze [são infinitos] os mares e os templos. Tudo existe muitas vezes, catorze vezes, porém duas coisas parecem existir uma única vez; no alto, o confuso sol; embaixo, Astérion. Talvez eu tenha criado as estrelas e o sol e a enorme casa, mas já não me lembro.

A cada nove anos entram na casa nove homens para que eu os libere de todo o mal. Ouço seus passos ou sua voz no fundo das galerias de pedra, e corro alegremente à sua procura. A cerimônia dura poucos minutos. Um após outro eles caem sem que eu suje as mãos de sangue. Onde caem, ficam, e os cadáveres ajudam a distinguir uma galeria da outra. Ignoro quem sejam; sei contudo que um deles profetizou, à hora da morte, que um dia chegaria meu redentor. Desde então já não me dói a solidão, porque sei que vive meu redentor e finalmente pisa ele o chão. Pudesse meu ouvido distinguir todos os ruídos do mundo, e eu reconheceria seus passos. Oxalá me leve ele para um lugar onde existam menos galerias e menos portas. Como será meu redentor?, pergunto-me. Será um touro ou um homem? Será talvez um touro com cara de homem? Ou será como eu?

O sol da manhã refulgiu na espada de bronze. Não se per-

cebia nenhum vestígio de sangue.

– Acreditarás nisso, Ariadne? – disse Teseu. O minotauro mal se defendeu.

Para Marta Mosquera Eastman

1 O original diz *catorze*, porém sobram motivos para inferir que, na boca de Astérion, esse numeral vale por *infinitos*.

De *El Hacedor*:

A trama

Para que seu horror seja perfeito, César, acossado ao pé de uma estátua pelos impacientes punhais de seus amigos, descobre entre as caras e os aços a de Marco Júnio Bruto, seu protegido, acaso seu filho, e já não se defende e exclama: “Você também, meu filho!” Shakespeare e Quevedo recolhem o grito patético.

Ao destino agradam as repetições, as variantes, as simetrias; dezenove séculos após, no sul da província de Buenos Aires, um gaúcho é agredido por outros gaúchos e, ao tombar, reconhece um afilhado seu e lhe diz com mansa recriminação e lenta surpresa (estas palavras temos de ouvi-las e não lê-las): *Pero, che!* Matam-no e não sabe que morre para que se repita uma cena.

De *El Hacedor*:

Um problema

Imaginemos que se descobre em Toledo um papel com certo texto arábico e que os paleógrafos o declaram do próprio punho daquele Cide Hamete Benengeli de quem Cervantes fez derivar o Dom Quixote. Lemos no texto que o herói (que, como é notório, atravessava os caminhos da Espanha armado de espada e

de lança, e desafiava, por qualquer motivo, o primeiro encontrado) descobre, ao cabo de um de seus muitos combates, que matou um homem. Neste ponto cessa o fragmento; o problema é adivinhar, ou conjecturar, como reage Dom Quixote.

Que eu saiba, existem três respostas possíveis. A primeira é de índole negativa; nada de especial ocorre porque no mundo alucinado de Dom Quixote a morte não é menos comum que a magia, e haver matado um homem não perturba quem se bate, ou crê bater-se, com endríacos e encantadores. A segunda é patética. Dom Quixote não conseguiu, nunca, esquecer-se de que era uma projeção de Alonso Quijano, leitor de histórias fabulosas; ver a morte, compreender que um sonho levou-o à culpa de Caim, desperta-o de sua consentida loucura talvez para sempre. A terceira será talvez a mais verossímil. Morto aquele homem, Dom Quixote não pode admitir que o tremendo ato é obra de um delírio; a realidade do efeito leva-o a pressupor uma idêntica realidade da causa e Dom Quixote não escapará jamais de sua loucura.

Resta ainda outra conjectura, alheia esta ao orbe espanhol e também ao orbe do Ocidente, e requer um âmbito mais antigo, mais complexo e mais fatigado. Dom Quixote – que já não é Dom Quixote mas um rei dos ciclos do Industão – intui, ante o cadáver do inimigo, que matar e engendrar são atos divinos ou mágicos que notoriamente transcendem a condição humana. Sabe que o morto é ilusório, como ilusórios o são a espada sangrenta que lhe pesa na mão e ele próprio e toda a sua vida pretérita e os vastos deuses e o universo.

De El Hacedor:

Borges e eu

A outro, a Borges, é a quem acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, talvez já mecanicamente, para olhar o arco de um portal e alguma cancela; de Borges não tenho notícias senão pelo correio, e vejo seu nome numa mesa-redonda de professores ou num dicionário biográfico. Gosto de relógios de

areia, de mapas, da tipografia do século XVIII, das etimologias, do sabor do café e da prosa de Stevenson; o outro partilha dessas preferências porém de um modo vaidoso que as converte em atributos de um ator. Seria exagerado afirmar que nossas relações são hostis; eu vivo, deixo-me viver, para que Borges possa tramar sua literatura, e essa literatura me justifica. Não me custa confessar que, sem dúvida, logrou ele algumas páginas válidas, porém tais páginas não me podem salvar, talvez porque o que nelas é bom já não é de ninguém – nem sequer do outro – apenas da própria língua ou da tradição. Além disso, estou destinado a perder-me definitivamente; apenas algum raro instante de mim poderá sobreviver no outro. Pouco a pouco vou-lhe cedendo tudo, embora não me escape seu perverso costume de tudo falsear e magnificar. Spinoza entendeu que todas as coisas querem perseverar em seu ser; eternamente a pedra quer ser pedra, e o tigre, um tigre. Eu hei de continuar em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas acabo por me reconhecer menos em seus livros do que em inúmeros outros ou no laborioso dedilhar de uma guitarra. Há coisa de anos tentei libertar-me dele, e passei das mitologias de arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito; agora porém esses jogos são de Borges e eu terei de inventar outras coisas. Assim, minha vida é uma fuga, perco tudo e tudo é do esquecimento, ou do outro.

Não sei qual dos dois escreve esta página.

*Capa de borges, colección Letra Abierta 1.
El Aleph Borgiano.
Biblioteca Luis-Angel Arango.
Bogotá, Colômbia, julho de 1987.*



Do rigor na ciência

...Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do Império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não satisfizeram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Adictas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

*Suárez Miranda: Viajes de Varones Prudentes,
Libro cuarto, cap. XLV, Lérida, 1658.*

Do “Museo”, de *El Hacedor*:

O inimigo generoso

Magnus Barfod, no ano 1102, empreendeu a conquista geral dos reinos da Irlanda; diz-se que, à véspera de sua morte, recebeu esta saudação de Muirchertach, rei em Dublin:

Que em teus exércitos militem o ouro e a tempestade, Magnus Barfod.

Que amanhã, nos campos de meu reino, seja feliz tua batalha.

Que tuas mãos de rei tenham terríveis a teia da espada.

Que sejam alimento do cisne vermelho os que se opõem a tua espada.

Que te saciem de glória teus muitos deuses, que te saciem de sangue.

Que sejas vitorioso na aurora, rei que pisas a Irlanda.

Que de teus muitos dias nenhum brilhe como o dia de amanhã.

